

**OFICINA PARA APRESENTAR OS RESULTADOS DA SEGUNDA
ETAPA DE IDENTIFICAÇÃO DOS BENS CULTURAIS E PARA A
EXIBIÇÃO DO VÍDEO DOCUMENTÁRIO**

**RELATÓRIO IV
RELATÓRIO DESCRITIVO E ILUSTRADO**

**MEMÓRIA E IDENTIDADE DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS
DO SAPÊ DO NORTE**

“...para que não se perca mais do que já perdeu”
(Rosa dos Santos Dealdina. São Mateus, 20/06/2009).

EQUIPE DO INRC

Osvaldo Martins de Oliveira

Antônio de Oliveira Júnior

Fernanda de Castro Barbosa

Lídia Celestino Meireles

VITÓRIA – ES

2 0 0 9

SUMÁRIO

I. APRESENTAÇÃO E CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	04
 II. <i>DEMANDAS</i> E ENCAMINHAMENTOS APRESENTADOS AOS PODERES PÚBLICOS PELOS PARTICIPANTES DA OFICINA	11
2.1 – DAS CELEBRAÇÕES E FESTAS DOS <i>BAILES DOS CONGOS</i> E <i>REIS-DE-BOI</i>	11
2.2 – PROPOSTAS E REIVINDICAÇÕES DOS PRODUTORES DE FARINHA E BEIJU	18
 III. AGENDA DAS OFICINAS SOBRE MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E EDUCAÇÃO NAS ESCOLAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO SAPÊ DO NORTE.	22

I. APRESENTAÇÃO E CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sou da comunidade do Palmito e venho há muitos anos trabalhando ali. Eu trabalho com cocada¹. Agora a gente vem dependendo de um apoio, porque a gente vende muito, mais o lucro é pouco. (...) Queremos passar muitos anos trabalhando com o reis naquela localidade que a gente foi nascido e criado junto. (...) Agora a gente 'tá com a brincadeira de reis. Com fé em Deus, não vamos deixar isso acabar e vai cada vez mais crescendo (Valentim Pereira. São Mateus, 20/06/2009).

A presente oficina sobre “memória e identidade” das comunidades quilombolas do Sapê do Norte, desde seu início, seguiu uma metodologia do diálogo com os participantes, desde a apresentação dos mesmos, em forma de exposição dialogada dos conteúdos e das imagens da pesquisa. Essas imagens e conteúdos foram apresentados em equipamentos eletrônicos através da organização em power point e exibidos em data show. A segunda parte da oficina foi organizada por meio de dois grupos de trabalho: um das celebrações festivas de *reis-de-boi* e *baile dos congos* e outro sobre a produção dos derivados da mandioca. Ao final do encontro, os participantes escolheram representantes para apresentarem suas propostas e encaminhamentos.

Iniciando pela apresentação dos participantes, conforme lista de presença em anexo, alguns focalizaram sua filiação às comunidades e aos grupos culturais, como aos *reis-de-boi*, aos *bailes dos congos* (ticumbis), aos jongos, à Associação de Folclore de Conceição da Barra, à Comissão Quilombola do Sapê dos Norte e ao Movimento dos Pequenos Agricultores. O fragmento a seguir é ilustrativo.

Eu sou Tertolino Balbino, sou mestre do Ticumbi de Conceição da Barra, comecei a participar do Ticumbi com 18 anos, e em 1954 passei como mestre, e até hoje venho comandando o meu grupo com toda a dificuldade. Fui presidente da Associação de Folclore de Conceição da Barra por dois mandatos. Hoje eu sou fiscal do Conselho da Associação. E 'tou aí na luta.

Depois de todos os participantes da oficina se apresentarem, o coordenador do INRC (Inventário Nacional das Referências Culturais) das comunidades quilombolas do Sapê do Norte e da oficina convidou a Superintende do IPHAN (Instituto do Patrimônio

¹ A cocada é um doce de coco, sendo um dos feitos culinários tradicionais da população negra no Brasil. O coco, a matéria-prima da cocada, é também um dos ingredientes fundamentais do recheio do beiju.

Histórico e Artístico Nacional) no Espírito Santo, Tereza Carolina de Abreu, a falar sobre a política de patrimonialização cultural do órgão. A Superintendente focalizou a política cultural do IPHAN a partir da história de formação do órgão federal.



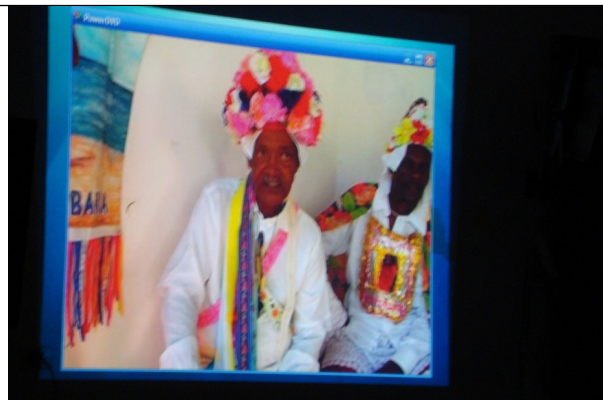
Superintendente da 21ª SR (Superintendência Regional) no Espírito Santo, Tereza Carolina de Abreu, falando aos quilombolas do Sapê do Norte em 20/06/2009. Foto: Osvaldo M. Oliveira.

Superintendente da 21ª SR (Superintendência Regional) no Espírito Santo, Tereza Carolina de Abreu, falando aos quilombolas do Sapê do Norte em 20/06/2009. Foto: Osvaldo M. Oliveira.

A Superintendente apresentou um relato sobre o processo que culminou no Decreto 3.551/2000 (institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o programa nacional do patrimônio imaterial e dá outras providências) e a relevância de um inventário ao tempo em que levanta informações para a implementação de políticas públicas a fim de resguardar o que existe. Sobre a Constituição Federal Brasileira de 1988, ressaltou o direito de todos à cultura e a necessidade de valorização dos vários papéis que as pessoas desempenham na sociedade. Por fim, destacou a função do IPHAN e a disposição do Ministério da Cultura para integrar e agir através de um exercício de cidadania sem intermediações.

Após a fala da Superintendente, passou-se para a exibição do vídeo documentário que foi precedida por uma explicação inicial da coordenação do INRC a respeito da arte gráfica impressa como capa da embalagem do vídeo documentário. Tal arte se refere à foto de um *saiote* usado como parte da indumentária dos integrantes do baile dos congos de São Benedito, de Conceição da Barra. Explicou-se, também, a escolha das falas e das imagens que priorizou aquelas que melhor ilustravam as referências culturais abordadas no vídeo

documentário. Enfatizou-se, ainda, a dificuldade em atender a todos no curto tempo de duração do vídeo e músicas para a trilha sonora. A exibição foi acompanhada pelos olhos atentos dos participantes da oficina, sendo a mesma encerrada com uma grande salva de palmas.



Exibição do vídeo documentário. São Mateus, 20/06/2009. Foto: Osvaldo M. de oliveira.



Exibição do vídeo documentário. São Mateus, 20/06/2009. Foto: Osvaldo M. de Oliveira.

Após a exibição do vídeo documentário, Osvaldo Martins de Oliveira, integrante da equipe de pesquisa, coordenador da oficina e diretor do vídeo documentário, destacou a trajetória da pesquisa iniciada em dezembro de 2007, que culminou no vídeo apresentado. Destacou, porém, que o contato com o Sapê do Norte é mais antigo, sendo sua primeira visita em 1997, quando ainda era estudante do mestrado em antropologia e prestava serviços para a Fundação Cultural Palmares. Mais de dez anos de contato viabilizou a construção de uma pesquisa densa e minimizou os desafios impostos por um trabalho de tal magnitude. O resultado foi um acervo rico e diversificado de informações e materiais, que tentaram ser contemplados nos vinte e seis minutos do documentário.

O coordenador propôs um debate sobre o resultado apresentado. O primeiro a se pronunciar foi o mestre do *baile dos congos* de São Benedito de Conceição da Barra, Tertolino Balbino, que observou um descompasso existente entre algumas imagens e as músicas presentes no vídeo. Para ele, o fundo musical deve coincidir com as filmagens mostradas.

Agora eu vou falar um pouquinho, uma coisinha, só o final, pela gravação e pelas fotos que tirou, porque ali tem muitas coisas que a gente faz deferente. Às vezes você vai cantando uma marcha e o som 'tá num samba. Eu pra mim tinha que ter gravado a gente, os passos com as músicas, que ali tem música ali que 'tá mais

ligeiro e tem outro som. (...) Eu digo assim, porque, aquela hora que sobe com a imagem (São Benedito), ali nós vai cantando uma marcha, mas na música 'tá batendo um samba, e tinha que gravar as músicas que as pessoas 'tá na marcha. Manter o canto. O som que foi gravado 'tá num tom, vai cantando uma marcha e o som 'tá diferente. As músicas ficaram diferentes do que o congo 'tá fazendo. (...) O reis 'tá tudo certo. "Tá gravado a dança e as músicas. Então, você entende o que eles estão fazendo. Já o Ticumbi já 'tá... (Tertolino Balbino. São Mateus, 20/06/2009).

Osvaldo explicou, também, que a trilha sonora foi composta pelo mestre de capoeira Luiz Mauro Pinheiro – o Mestre Militão -, que ensina capoeira nos municípios de Linhares, São Mateus e Conceição da Barra, e pelo maranhense Fábio Viana, que criaram os arranjos usando instrumentos como tambores, chocalhos e berimbau. A equipe se comprometeu a adequar melhor o fundo musical aos momentos da celebração e ao ambiente das imagens.

Uma outra intervenção, a de Antônio Nascimento da comunidade de São Cristóvão, destaca a ausência da *reza* antes da brincadeira do *reis-de-boi*. Antônio, ex-mestre de *reis-de-boi*, observa que o denominado *reis da porta* deveria ser ressaltado, pois antes da brincadeira existe o compromisso religioso.

É, ali foi representado por marcha. Agora eu me fiquei a perguntar pela reza, porque nossos costumes é rezar na porta, né? É rezar o reis, mas num sei se não prestei atenção, aquilo foi levado assim, como foi logo representado, mas o Reis da Porta, parece que a gente num viu passar ali, né? Como a gente que canta lá em nossa comunidade, pra depois entrar no salão e representar. É que eu fiquei, eu queria uma explicação sobre isso aí, porque passou mas, num sei se eu não prestei atenção. Mas essa reza pra mim faltou, os vinte e cinco versos, que as pessoas têm que dizer primeiro, pra depois, então, a gente representar a brincadeira dentro do salão (Antônio Nascimento. São Mateus, 20/06/2009).



Antônio Nascimento, da comunidade São Cristóvão, tecendo suas observações acerca do vídeo documentário. São



Valentim Pereira, do reis-de-boi do Palmitinho, tecendo suas observações acerca do vídeo documentário. São Mateus,

Quanto às reclamações do pouco tempo e as cenas e partes que não foram contempladas no vídeo, o coordenador da oficina explicou que o documentário não deveria durar mais que vinte minutos, conforme estipulou o edital do IPHAN, mas ainda assim se chegou a vinte seis minutos procurando atender ao máximo de pessoas possíveis. As escolhas tiveram que ser feitas, visto que só o *baile dos congos* dura mais de uma hora e os vinte e cinco versos do *Reis da Porta* dura cerca de 40 minutos.

A respeito das demandas colocadas, a equipe destaca que houve a necessidade de optar pelas imagens mais ilustrativas e que mais chamaram a atenção, uma vez que existem mais de trinta horas de filmagens e nem tudo pode ser contemplado. Além disso, o coordenador e diretor destacou que houve uma preocupação de não mostrar todo o ritual do *reis da porta*, visto que ele é considerado um saber secreto dos mestres e que é transmitido apenas aos seus sucessores.

Por outro lado, tiveram aqueles que não viram defeitos no vídeo, mas o viram como um meio de divulgação e de construção da visibilidade da cultura das comunidades. Estes teceram elogios ao vídeo documentário, seguindo apenas dois para ilustrar.

Acho que ficou bom. Ficou muito bem narrado. Mostrou a cultura do povo, porque é uma cultura antiga, que não deve se perder, como eles falaram aí, né? Que começou pelas pessoas mais velhas e eles estão dando continuidade, e que os mais novos, que estão aqui, devem dar continuidade a essa cultura, por que senão ela vai se perdendo. É, e vai se perdendo a razão de viver, sabe? É essa cultura do passado (Rosa dos Santos Dealdina. São Mateus, 20/06/2009).

Dona Rosa Dealdina, quilombola moradora da cidade de São Mateus, ressalta que ainda há muito para ser dito e que o mais importante é o retorno da pesquisa às comunidades quilombolas, pois outros estudos foram realizados e não houve retorno para os principais interessados. Sugere que as próximas reuniões e oficinas sejam realizadas na roça para que todos, velhos e moços, possam participar. Por fim, insiste na tríade acreditar, lutar e se organizar a fim de conquistarem seus direitos.

Eu também achei que o filme é muito importante pra nós aqui também, porque, uns certos anos atrás, a gente não tinha apresentação pra ser evoluído a nossa cultura. E hoje a gente 'tá vendo desde que já vem de lá, a boa vontade de 'tá mostrando este trabalho. Isso é muito importante pra nós, porque antigamente, eu comecei a brincar reis desde 14 anos de idade. E vinha, brincava na brincadeira hoje. E nós

tinha sempre aquela vontade de não deixar acabar. Eu vim aqui pra São Mateus, brinquei muito aqui no Reis de Bastião Vicente, depois passei pro Reis do Finado Getulio Barros e tinha aquela dificuldade. Eu sempre gostei da brincadeira e não deixei aquilo acabar. E quando chegou uns anos atrás, eu achei que a gente precisava de uma brincadeira na comunidade, aí fui procurar um recurso na Prefeitura pra vê se eles apoiava nós, aí consegui. O seu Bidil que 'tá aqui também apoiou e através destes três anos em parceria com estes dois aí (Bidil e Losival), ainda tem vocês que vem acolher nós. Mostrar esse trabalho maravilhoso graças a Deus em primeiro lugar e, segundo, vocês. E é uma coisa muito bonita o que vocês estão fazendo e que eu não quero que acabe (Valentim Pereira. São Mateus, 20/06/2009).

Outras sugestões corroboraram com aquela exposta por Rosa Dealdina para que o vídeo documentário seja exibido nas comunidades que participaram do Inventário. Almir, da comunidade de Nova Vista, vai além e propõe que o vídeo seja disponibilizado na internet para que todo o mundo tenha acesso.



Domingos Firminiano dos Santos, integrante da Comissão Quilombola do Sapê do Norte, ressalta que o *ticumbi* e o *beiju* são heranças culturais que herdaram do quilombo do Negro Rugério. Por isso, conclama os integrantes dos grupos culturais a participarem mais atentamente da luta pela regularização dos territórios quilombolas, base da manutenção material e simbólica das comunidades quilombolas. Sua fala é ratificada por Antônio Nascimento ao dizer que, além dos direitos culturais, é preciso buscar os direitos pelo território, pois são lutas conjuntas.

A equipe de realização do INRC, após ouvir atentamente as sugestões dos participantes da oficina, se comprometeu a fazer as alterações sugeridas, ocorrendo em

seguida à apresentação da segunda etapa da pesquisa do INRC que focalizou, sobretudo, os dados referentes às casas de farinha e à produção do beiju nas comunidades visitadas, onde os integrantes estavam fabricando a farinha e o beiju.



Antônio de Oliveira Jr apresentando dados da segunda etapa do INRC. São Mateus, 20/06/2009. Foto: Osvaldo M. Oliveira.

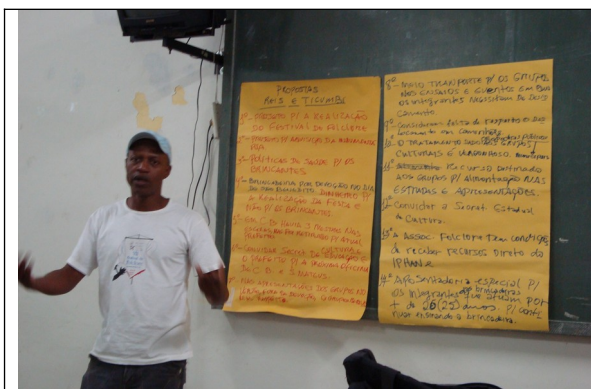


Antônio de Oliveira Jr e Osvaldo M. Oliveira. Apresentação da segunda etapa do INRC. São Mateus, 20/06/2009. Foto: Fernanda Castro.

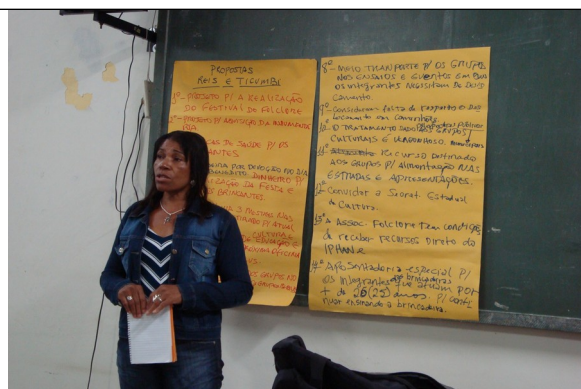
Finalizando essa primeira parte, recorreremos à apresentação de um dos participantes da oficina e do baile dos congos de São Benedito, que disse: *Sou Benedito Batista, moro no Córrego do Macuco e 'tou trabalhando sempre com o propósito de São Benedito.*

II. DEMANDAS E ENCAMINHAMENTOS APRESENTADOS AOS PODERES PÚBLICOS PELOS PARTICIPANTES DA OFICINA

Depois de a equipe apresentar o vídeo documentário e ocorrer um debate sobre o mesmo, os participantes se organizaram em dois grupos: um sobre as festas dos *reis-de-boi* para os Santos Reis e *baile dos congos* para São Benedito e outro sobre a produção de farinha e beiju. Os grupos apresentaram suas *demandas* como segue.



Jonas Balbino apresentando as propostas dos grupos de *reis-de-boi* e dos *bailes dos congos*. Foto: Osvaldo M. Oliveira, 20/06/2009.



Madalena Dionísio apresentando as propostas do grupo sobre a produção da farinha e do beiju. Foto: Osvaldo M. Oliveira, 20/06/2009.

2.1 – DAS CELEBRAÇÕES E FESTAS DOS *BAILES DOS CONGOS* E *REIS-DE-BOI*

Isso é importante, porque isso é brincadeira mas não é brinquedo.
(Arquimino dos Santos. São Mateus, 20/06/2009).



Grupo de trabalho sobre reis-de-boi e baile dos congos na oficina do INRC. São Mateus, 20/06/2009. Foto: Antônio de Oliveira Jr.



Grupo de trabalho sobre reis-de-boi e baile dos congos na oficina do INRC. São Mateus, 20/06/2009. Foto: Antônio de Oliveira Jr.

...a realidade das manifestações culturais está sem condições financeiras, porque tem custo com alimentação e transporte (Jonas Balbino. São Mateus, 20/06/2009).

a) Entendem que **os poderes públicos, por determinações legais, deveriam financiar suas festas, festivais e celebrações.** Por isso, solicitam apoio e recursos financeiros para a aquisição da indumentária dos grupos e aos seus projetos anuais de realização de festas e festivais, como a Festa de Itaúnas, a festa de São Benedito na comunidade das Barreiras, o Festival de Folclore em Conceição da Barra e o Festival do Beiju. Os líderes dos grupos culturais afirmam que sua Associação de Folclore tem condições de receber recursos financeiros diretamente dos órgãos estaduais e federal.

Podemos receber o dinheiro direto do IPHAN, não precisa passar pela prefeitura, fazemos via associação. (...). Pra financiar tem que ser através de projetos. Na festa de Itaúnas, a Associação de Folclore trabalhou com um projeto, fez um convênio com a SECULT (Secretaria de Estado da Cultura) (...) para a Festa de Itaúnas e de São Benedito nas Barreiras. A festa de três dias, incluindo transporte, ajuda de custo para os grupos, alimentação e queima de fogos. Tudo o que aconteceu em Itaúnas foi do convênio com a SECULT. Prestamos conta e no ano que vem pretendemos fazer da mesma forma. A ajuda de custo que foi passado pra cada grupo foi de... Não é nada, é apenas uma ajuda de custo pra você comprar uma meia, que tiver faltando, não dá pra se manter com isso. (...) Essa questão da falta de respeito eu coloco o poder público municipal, porque nós nos damos bem com o poder público estadual, nós celebramos nesses três meses dois convênios: um (...) com o governo estadual (...) para indumentária e outro com emenda do deputado Givaldo Vieira, (...) para a compra de material permanente. (...) A Associação de Folclore realiza em Conceição da Barra uma manifestação no mês de agosto em Conceição da Barra. Nós estamos no oitavo Festival de Folclore que vamos realizar esse ano... Mas pra isso nós precisamos de condições financeiras... Deslocar 17 grupos de Conceição da Barra, alimentação para esses 17 grupos, condições para algum material, na questão de indumentária, precisamos de recurso para os grupos realizar suas manifestações (Jonas Balbino. São Mateus, 20/06/2009).

Além do transporte, que é prioridade, precisamos de roupa, chapéu, fitas para enfeitar, que é um trabalho bom que é gasto... Os cachês que nos pagaram R\$ 500,00 (quinhentos reais), descontaram e recebemos R\$ 465,00 (quatrocentos e sessenta e cinco reais), para dividir com 28 pessoas (Losival Passos. São Mateus, 20/06/2009).

b) Nos dias de São Benedito e dos Santos Reis, os brincantes e festeiras (os) realizam o **ritual por devoção e não visando remuneração**. Neste sentido, solicitam ajuda em dinheiro para a organização da festa e não para os brincantes e festeiras (os).

Não é um lado profissional é realmente a devoção e a gente tem que saber distinguir uma coisa da outra... Por exemplo, quando os grupos saem de Conceição da Barra para fazer uma apresentação qualquer que seja, o local fora do município, o que a Associação de Folclore pede é a condução para o grupo ir e voltar e vê se o grupo tem condição de receber um cachê para o grupo, porque eu acho isso mais do que justo. Agora, quando o grupo é dentro do município que eu vejo que é uma coisa de devoção então pagar tem que ficar de fora (Jonas Balbino. São Mateus, 20/06/2009).

c) Solicitam que o IPHAN, no papel de salvaguarda do patrimônio cultural das comunidades quilombolas e dos grupos relacionados a elas, viabilize, junto aos poderes públicos municipais, estadual e federal, **meios de transportes** adequados para que os grupos, comunidades e seus integrantes se desloquem para os ensaios e eventos que fazem parte de suas tradições culturais. Consideram um descaso e uma falta de respeito esses grupos terem que recorrer a caminhões não preparados para o transporte humano, para se deslocarem para ensaios, apresentações e eventos de sua cultura tradicional. Além de o transporte ser inadequado, os *brincantes* afirmam que têm que lançar mão de suas parcas economias para arcarem com despesas que os poderes públicos deveriam saldar.

No dia da apresentação, principalmente para quem mora na roça, nós não temos uma condução própria. Com roupa branca, você vestiu e se não cuidar, suja tudo. É uma luta para pegar a condução. Tem que levar as espadas. Eu me sinto prejudicado mesmo. Quando tem apresentação fora, quando tem que ir pra Vitória e pegar ônibus lá no Paraíso, saio mais cedo de casa e pra voltar é a mesma coisa. Fico lá no Terto, passo a noite lá. Tem que ter um carro pra ir lá buscar a gente, e quando voltar deixar a gente em casa. A gente já chega morto de cansado em casa e ainda ir andando... Quando diz que vamos viajar, eu já penso na condução (Arquimino dos Santos. São Mateus, 20/06/2009).

Isso que o Quino está falando fica claro quando você vê ali no DVD (referindo-se ao vídeo documentário do Inventário sobre suas referências culturais que haviam acabado de assistir). Como o grupo de reis do Nilo está sendo transportado? (...) No caminhão... Isso é uma falta de respeito... o grupo saindo em cima do caminhão pra fazer apresentação. Enquanto do outro lado, os cantores que vem de fora, eles

(os poderes públicos) *pagam altíssimos cachês, frutas e wisk nos seus camarins. É simplesmente uma falta de respeito (...). Os brincantes precisam de condução para participar das festas... No deslocamento de Conceição da Barra para Vitória. Para que os brincantes possam participar dos ensaios hoje eles moram em locais diversos e para chegar até o local do ensaio, alguns andam em torno de 18 a 20 quilômetros. Para que o brincante saia da sua convivência e vá para o ensaio... Antigamente o Ticumbi ensaiava no Angelim, Roda D'água, São Domingos, ensaiava em locais diferentes e hoje com a monocultura do eucalipto... Nós tivemos que criar galpões. Hoje o galpão de ensaio geral do ticumbi é lá em Porto Grande (território de Roda D'Água). Então, os integrantes do ticumbi, para alguns dá aproximadamente vinte quilômetros e para outros dá mais. (...) Além do **Transporte e da Alimentação** é mais que justo cada grupo receber um cachê* (Jonas Balbino. São Mateus, 20/06/2009).

- d) Solicitam que sejam destinados recursos financeiros aos grupos para que nas apresentações fora de seus territórios rituais, possam se **alimentar com dignidade**.

Em viagens para Vitória ou outras cidades, a gente pede que tivesse condições para a alimentação. Às vezes os brincantes saem de madrugada de casa e têm que ter alimentação no percurso, na ida e na volta (Jonas Balbino. São Mateus, 20/06/2009).

- e) No verão, quando os grupos culturais locais – fora de suas atividades devocionais e rituais - são convidados pelos poderes públicos municipais para apresentações, entendem que **não são respeitados pelos agentes desses poderes públicos**, pois suas performances são atropeladas e os grupos são retirados das cenas sem que concluam suas atividades. Por isso, exigem que os poderes públicos respeitem os grupos e comunidades que são praticantes de uma cultura tradicional de mais de dois séculos na região. Consideram que o tratamento conferido aos grupos culturais relacionados às comunidades e à cultura afro-brasileira pelos poderes públicos municipais é vergonhoso.

Uma turista em Guriri disse que ela tinha sido criada vendo brincadeira de reis e que nós não apresentamos muita coisa que ela já tinha visto. Falta o vaqueiro, as figuras... Mas aquilo foi pressa da organização... (...) É uma falta de respeito porque nós não criamos tudo da noite pro dia, não. Nós trabalhamos, ensaiamos o ano todo, pessoas que vem aprendendo o mestre ensaiando é uma preocupação de ano a ano, é uma dedicação... (Losival Passos. São Mateus, 20/06/2009).

Afirmam que a cultura das comunidades quilombolas sustenta o turismo nos municípios de São Mateus e Conceição da Barra. Entretanto, sentem que estão sendo usados pelo poder público apenas como meio de entretenimento para os turistas, mas que não são respeitados como pessoas, isto é, como cidadãos merecedores de direitos culturais e territoriais, pois até os direitos de apresentação e manifestação cultural no espaço públicos são negados pelos poderes locais e translocais. Por isso, solicitam investimentos dos Ministérios da Cultura e do Turismo em suas associações, para que possam se organizar de forma autônoma e se apresentar sem depender de recursos das gestões públicas dos municípios. Afirmam que em um dos eventos culturais organizados pelo poder público do município de Conceição da Barra foi prometido a cada grupo o pagamento no valor de R\$ 400,00 (quatrocentos reais), valor que, se fosse dividir para cada integrante do grupo (que chega ter até 25 pessoas cada), seria insignificante. Cabe ressaltar que o que motiva as atividades culturais dessas comunidades e grupos não é o valor econômico, mas, sim, o valor cultural que localmente os entrevistados denominam de *devoção* e que, na acepção deles, *não tem dinheiro que pague*. No entanto, esperam no mínimo *respeito* dos poderes públicos ao que, para os participantes desta oficina, é algo altamente significativo e respeitável.

Logo que o atual prefeito foi eleito, ele foi até a minha casa me convidar para assumir um cargo no município. Eu falei com ele que ia pensar e depois dava a resposta. Depois respondi para ele que não tinha possibilidade de assumir, mas falei com ele que o que a gente quer e precisa é de respeito, e hoje nós não estamos sendo respeitados pela atual administração. Não é valor em dinheiro, é respeito. Eu não vou dizer que essa questão de valor em dinheiro não seja importante. Se ele paga R\$ 30.000,00 (trinta mil reais) para uma banda que vem de fora pra tocar aqui em Conceição da Barra, durante duas três horas, e dá R\$ 400,00 (quatrocentos reais) para um grupo que tem 25 pessoas para apresentar durante 4 horas, é falta de respeito. Ele tem que ter respeito pelos grupos (Jonas Balbino. São Mateus, 20/06/2009).

Quando ele (Jonas Balbino) está falando de respeito em Conceição da Barra, é uma vergonha aqui em São Mateus. Nós fomos apresentar em Guriri, estava nós, os Laudêncios e a folia de Zé de Amaro. Nós chegamos e colocaram nós pra cantar primeiro. Antes, desmancharam o palanque, porque o trio elétrico ia cantar e ia atrapalhar. Nós ficamos naquele malabarismo, e fomos colocados para apresentar na rua e não podia apresentar tudo porque eles estavam com pressa. Não apresentamos figura de bicho, vaqueiro, nada, não... Os visitantes que vem de fora merecem isso e aquilo, mas os grupos de dentro, que constrói a cultura do lugar,

não têm nada. Eles arrumam a casa pra quem vem de fora e os daqui não tem direito a nada. Isso é uma pouca vergonha, ser tratado dessa forma. O povo querendo assistir, e eles dizendo que o trio elétrico ia entrar rasgando tudo. Além disso, precisamos de transporte para nós, para nossa família e para nossos companheiros (Losival Passos de Souza. São Mateus, 20/11/2009).

f) Vários mestres dos saberes tradicionais, que se dedicam a tais atividades, não têm uma atividade formal e encontram dificuldades para se aposentarem. Entendem que os *mestres* desses saberes, como dos grupos *reis-de-boi* e dos *bailes dos congos*, bem como os integrantes dos grupos que brincam por mais de 25 anos, devem ter uma aposentadoria especial para que possam produzir e transmitir os saberes relacionados à cultura das comunidades quilombolas e dos agrupamentos praticantes das tradições afro-brasileiras para as gerações futuras.

Aposentadoria especial para os mestres acima de 25 anos de serviços prestados como mestre, como transmissão de saberes. E os demais integrantes dos grupos. Vê com o INSS e Governo Federal (Jonas Balbino. São Mateus, 20/06/2009).

g) O IPHAN, segundo demandaram os participantes da oficina, deve viabilizar junto aos Governos Federal e Estadual uma política de saúde voltada para as doenças específicas dos integrantes das comunidades quilombolas e de seus grupos culturais.

A política de saúde para os brincantes. As pessoas que participam dos grupos são acima de 30 anos (Jonas Balbino. São Mateus, 20/06/2009).

h) Em Conceição da Barra, na gestão pública de 01/01/2005 a 01/01/2009 existiam três *mestres* de *brincadeiras* de *reis-de-boi*, *jongo* e *bailes dos congos* transmitindo seus saberes tradicionais nas escolas municipais, mas a administração que teve início em 01/01/2009 retirou esses *mestres* das escolas. Recorrendo a Lei 10.639/2003, solicitam a intervenção do IPHAN junto às secretarias municipais de educação de Conceição da Barra e de São Mateus, bem como junto à Secretaria de Estado da Educação e ao MEC (Ministério da Educação e Cultura) para que seus saberes tradicionais relacionados à cultura e à história africana e afro-brasileira sejam ensinados nas escolas (de acordo com a Lei acima mencionada) e as reivindicações das comunidades e grupos sejam respeitadas e os mestres possam ser contratados para atuar nelas.

Agora essa lei, que é pra cultura negra nas escolas (Lei 10.639/2003), no governo passado aqui em Conceição da Barra, a gente tinha três mestres nas salas de aula. Tanto que hoje nas escolas em Conceição da Barra, nós temos mais de oito grupos folclóricos mirins, entre Reis-de-Boi, Jongo e Ticumbi. São grupos formados nas escolas por crianças, mas esse ano não conseguimos colocar os mestres nas escolas. O tamanho da nossa cultura não é o valor que a gente merece. Então eles não contrataram os mestres que vivia do salário mínimo e que dependiam do salário para sobreviver, e até hoje eles não estão trabalhando. Acho que devemos tomar uma atitude enquanto Associação de Folclore, para que eles não façam o que estão fazendo. Quando tem que estar na chegada do governador, do senador, na cidade, aí eles chamam os grupos. Agora na hora de colocar os mestres nas salas de aula, que são três, eles ficam colocando dificuldades. Nós não vamos apresentar para o poder público de Conceição da Barra, de forma nenhuma, enquanto eles não resolverem essa situação (...). Em Conceição da Barra tem dezessete grupos adultos e oito grupos mirins - que foram criados nas escolas - com três mestres que ensinavam nas escolas. Nessa administração nós não temos mais os mestres nas escolas. O governo municipal não renovou o contrato com os mestres, e nós queremos reivindicar para renovar com os mestres. Temos grupos de Jongo, Reis de Boi e Ticumbi mirins nas escolas. Os mestres recebiam um salário mínimo e eles hoje estão desempregados. Nós precisamos de respeito, para o prefeito de Conceição da Barra. Os grupos precisam de respeito além do dinheiro. (...) O que a gente precisa do poder público municipal é respeito, que a gente não está tendo (Jonas Balbino. São Mateus, 20/06/2009).

Ao final da reivindicação acima, os integrantes dos grupos de reis-de-boi e dos bailes dos congos propuseram que as Secretarias Municipais de Educação e Cultura e os prefeitos de Conceição da Barra e de São Mateus, bem como as secretarias de estado da Educação e da Cultura, fossem convidados para participar das próximas oficinas para ouvirem as reivindicações dos grupos e comunidades.

2.2 – PROPOSTAS E REIVINDICAÇÕES DOS PRODUTORES DE FARINHA E BEIJU



Grupo de trabalho que apresentou as propostas relativas à farinha e ao beiju. Foto: Antônio de Oliveira Jr, 20/06/2009.



Grupo de trabalho que apresentou as propostas relativas à farinha e ao beiju. Foto: Equipe do INRC, 20/06/2009.

Para as comunidades quilombolas do Sapê do Norte, os processos produtivos da farinha e do beiju dependem de duas condições básicas: água e terra, elementos vitais para a permanência humana em seus territórios. Por isso, apresentam as propostas como seguem.

a) Reclamam que a monocultura do eucalipto secou rios, córregos e nascentes, além de contaminar o lençol freático com as pesticidas lançadas sobre a terra. As comunidades de Dilô Barbosa e Nova Vista estão com muita dificuldade de acesso à água potável. Existe uma bomba do SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto) de São Mateus que levava água para os moradores, mas que não está funcionando. Reivindicam um direito básico, que é o acesso à água potável para ser consumida pelos moradores. Como afirmaram os integrantes das referidas comunidades presentes na oficina, sem água não é possível sobreviver na região e nem implementar a produção. Setores do poder público municipal de São Mateus cortaram o diálogo com as comunidades, pois, segundo um morador de Nova Vista, ele foi à prefeitura e ao SAAE para buscar uma solução para o problema da água em sua comunidade e não foi atendido. Por isso, solicitam a mediação dos órgãos do Governo Federal para solucionar este e outros problemas que afetam as comunidades.

b) Afirmam que necessitam da regularização de seus territórios, pois sem essa regularização as dificuldades com a produção da farinha aumentam, visto que as agências financiadoras da produção do próprio governo impõem dificuldades, exigindo fiadores que as comunidades não têm condições de arrumar. Solicitam que os governos revejam as regras de financiamento para as comunidades e as famílias quilombolas, que deveriam ter um tratamento diferenciado quanto ao acesso aos créditos de financiamento do governo.

c) Solicitam que o IPHAN elabore e execute, em conjunto com as comunidades, um projeto político de proteção e salvaguarda do patrimônio cultural da produção da farinha, iniciando pela reforma e reconstrução dos *quitungos* (casas de farinha). Nessa reconstrução, os participantes da oficina solicitaram a colaboração arquitetônica no sentido de viabilizar a manutenção e a higienização dos espaços, dos instrumentos e equipamentos da produção.

Essa questão da higiene passa pelas reformas das casas de farinha. (...) As comunidades (...) querem a reconstrução das casas de farinha, porque as condições financeiras deles não dá pra colocar uma farinheira do jeito que eles precisam. Então eles querem uma parceria com alguém, um apoio... Para reconstituição da casa de farinha, que é do que eles vivem, e com a condição que está a casa de farinha também não dá (Madalena Dionísio. São Mateus, 20/06/2009).

d) A proteção do patrimônio cultural dos derivados da mandioca não significa a redução a um tipo de monocultura, pois defenderam, nos grupos de trabalho da oficina, a diversidade de culturas produtivas como o feijão, o milho, o amendoim e outras. Entendem que suas sobrevivências dependem da diversidade das espécies naturais e cultivadas, porque enquanto a mandioca ainda não está pronta para ser arrancada para a produção da farinha e do beiju, eles se dedicam ao cultivo e à colheita de outros produtos, bem como recorrem à extração de matéria-prima junto às espécies nativas e cultivadas para a fabricação de diversos produtos artesanais, entre os quais cestos, vassouras, peneiras, jacás e azeite e sabão de dendê.

e) Querem a colaboração para a criação de um selo de identificação dos produtos com as comunidades quilombolas do Sapê do Norte, pois, além de contribuir para a manutenção e a proteção de seus modos próprios de produzir, é um meio de controle da qualidade e uma forma de informar os consumidores externos dos derivados da mandioca que, por sua vez,

têm o direito de saber quem fabricou e de onde vem os produtos que consomem. Afirmam que um selo ajudará a manter um modo de produzir que herdaram de seus pais e avós, que, somando o tempo dessas experiências produtivas, já se passam de duzentos anos. Em relação a esse tempo e ao selo de qualidade, surgiu a seguinte questão na oficina:

Que indústria há mais de duzentos anos produz farinha? Que povo há mais de duzentos anos vem produzindo farinha? Todos os participantes responderam: Os quilombolas!

f) Demandam preços justos para os produtos de seus trabalhos, pois alegam que não vale a pena produzir a farinha para o mercado, porque o preço que se paga por ela é muito baixo. Sugerem que os órgãos governamentais garantam a compra e um preço justo para os produtos derivados da mandioca.

g) Sugeriram que representantes das Secretarias de Educação dos municípios de São Mateus e Conceição da Barra fossem convidados para as oficinas seguintes. A esse respeito se expressou uma das participantes:

Tem que convidar mesmo porque o pessoal da secretaria tem que ver direito as leis para botar as professoras pra dar aulas. Pra fazer uma prova, manda essa professora pra lá, ela não quer ensinar as quadrilhas dos pais, um reis, só pra ensinar os meninos eles já não quer... Eu tava conversando com Dona Rosa que essa semana, esse mês é o mês de São João, a professora das crianças durante o dia ela não quer fazer com os meninos, pedir ajuda aos pais pra trazer uma lenha e fazer uma fogueira. Ela quer pegar os jovens da noite pra poder entrar pra quadrilha e aí o pessoal não quer. Então vocês têm que chamar essas pessoas pra vim pra quando chegar aqui na hora mandar o pessoal das comunidades falar para elas, o que eles estão fazendo nas comunidades, porque eles falam que é a prefeitura que manda ensinar desse jeito, tem que seguir o que está no livro e não pode fazer algumas coisas que resgatam. As professoras não querem sair pra pedir um ônibus pra levar lá na Barra, pra levar eles querem ensinar eles acham que é muita luta, e a gente acha que a criança fica prejudicado, eles não estão sabendo de tudo que a comunidade tem. Para alguém da comunidade sair para ter esse trabalho aí já fica difícil. Tem muitas pessoas que estudou mas não tem faculdade... Inclusive no ano passado tivemos um maior problema com ela, porque botou um cartaz que não tinha nada há ver... Todas as crianças são negras, então exigir da prefeitura que colocasse cartaz com crianças negras... (Domingas Blandino. São Mateus, 20/06/2009).

Muitas vezes escolhem pessoas que não tem perfil para trabalhar numa comunidade quilombola (Madalena Dionísio. São Mateus, 20/06/2009).



Madalena Dionísio e Fernanda Castro (Equipe do INRC) encaminhando o fechamento das propostas do grupo sobre a produção de farinha e beiju. Foto: Osvaldo M. Oliveira, 20/06/2009.



Encaminhamento e fechamento das propostas da oficina “memória e identidade”. Foto: Osvaldo M. Oliveira, 20/06/2009.

III. AGENDA DAS OFICINAS SOBRE MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E EDUCAÇÃO NAS ESCOLAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO SAPÊ DO NORTE.

DATA	COMUNIDADE / LOCALIDADE	TEMA
18 e 19/07 (sábado e domingo)	Hotel Marina em Conceição da Barra	Memória e Patrimônio Cultural Exibição e debate do vídeo documentário
31/07 Das 18 às 22 horas	Escola de Linharinho	Memória, Patrimônio Cultural e Educação. Exibição e debate do vídeo documentário
01/08 Das 09 às 18 horas	Escola de São Cristóvão	Memória, Patrimônio Cultural e Educação. Exibição e debate do vídeo documentário
02/08 Das 09 às 15 horas	Nova Vista, Chiado e Dilô Barbosa Escola de Nova Vista	Memória, Patrimônio Cultural e Educação. Exibição e debate do vídeo documentário
07/08 Das 15 às 19 horas	São Domingos, Agelim do Meio e Angelim Fontoura. Escola de São Domingos.	Memória, Patrimônio Cultural e Educação. Exibição e debate do vídeo documentário
08/08 Das 08 às 12 horas	Povoado de Santana Escola Deolinda Lages	Memória, Patrimônio Cultural e Educação. Exibição e debate do vídeo documentário
08/08 Das 15 às 19 horas	Escola de Roda D'Água	Memória, Patrimônio Cultural e Educação. Exibição e debate do vídeo documentário
09/08 Das 09 às 15 horas	Vila de Itaúnas Escola Benômio Falcão Gouvêa	Memória, Patrimônio Cultural e Educação. Exibição e debate do vídeo documentário
10/08 Das 8 às 12 horas	Angelim Porto dos Tocos Escola estadual desativada	Memória, Patrimônio Cultural e Educação. Exibição e debate do vídeo documentário
15/08 Das 09 às 18 horas	Palmitinho e Laudêncios Escola da comunidade Santa Luzia em Palmitinho 2	Memória, Patrimônio Cultural e Educação. Exibição e debate do vídeo documentário
16/08 Das 08 às 12 horas	Escola da comunidade de São Jorge.	Memória, Patrimônio Cultural e Educação. Exibição e debate do vídeo documentário

